

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM PSICANÁLISE: CLÍNICA E  
CULTURA

**LUCIANE ROMBALDI DAVID**

**Psicanálise na Praça:**  
lugar de fala e lugar de escuta

**Versão Parcial**

Porto Alegre  
2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM PSICANÁLISE: CLÍNICA E  
CULTURA

**LUCIANE ROMBALDI DAVID**

**Psicanálise na Praça:**

lugar de fala e lugar de escuta

Versão parcial da Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Psicanálise: Clínica e Cultura

Área de concentração: Psicanálise, Clínica e Cultura

Orientador: Prof. Dr. Roberto Henrique Amorim de Medeiros

Porto Alegre  
2022

Nome: David, Luciane Rombaldi David

Título: Psicanálise na Praça: lugar de fala e lugar de escuta

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Psicanálise: Clínica e Cultura

Aprovada em: 03/03/2022

**Banca examinadora**

---

Prof. Dr. Roberto Henrique Amorim de Medeiros  
(Orientador)

---

Prof. Dr. José Geraldo Damico  
(Professor do PPG-CLIC da Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Miriam Debieux Rosa  
(Professora do PPG de Psicologia Clínica da Universidade de São Paulo)

---

Prof. Dr. Raoni Machado Moraes Jardim  
(Professor do PPGECSA da Universidade de Brasília)

## AGRADECIMENTOS

Quantas escutas cabem em setenta páginas de texto? De quantas leituras, falas e trocas se faz uma dissertação?

Esta é feita de múltiplas, em coletividade. Nas laudas que seguem a leitora encontrará em cada ideia alinhavada, em cada respiro de parágrafo, em cada esquina e cruzamento de capítulos, até o último a digitado, a presença atenta, cuidadosa, acolhedora e paciente de muitas, que aqui agradeço:

Coletivo querido, Fê Vial, Fê Zin, Isa, Dani, Lô, Gutinho, Carmela, Clara, Bianca, Ágata, Aline, Rodrigo, Gui, Gica, Cris, Lu, pela aposta, pela constância, pelas escutas e palavras circulantes;

Pracientes, por se deixarem escutar e falar em praça pública ou no ciberespaço;

Grupo de pesquisa, Léo, Andrea, Tainá, Alice, Jango, Isa, Ana, Gabriel, Amanda, Lucas, pelas leituras e trocas;

Giovana, Ismael e Daniel, por somar forças;

Nana e Cla, pelas artes e inspirações;

Roberto, pela orientação e entusiasmo;

Andrea, pelos cafés e parceria;

Zoca, pela presença e acolhimento;

Gustavo, pela disponibilidade, companheirismo e cuidado;

Pai e mãe, pelo incentivo;

Luciano, pela escuta;

A todas que se deixaram permeabilizar junto a mim nesta deriva, obrigada!

## RESUMO

Inspirada por manifestações artísticas e políticas que têm como palco a cidade e a rua, esta pesquisa parte de questionamentos sobre a psicanálise operada nos espaços públicos. Através das práticas do coletivo Psicanálise na Praça de Porto Alegre, objetiva-se refletir sobre como se relacionam lugar de fala e lugar de escuta, além desdobrar uma discussão sobre a transferência. Parte-se de uma arqueologia da pesquisadora e do território por excelência do Psicanálise na Praça, a Praça da Alfândega. A pandemia por COVID-19 atravessa todo o planeta e também o curso da pesquisa, que da rua passa a ocupar o ciberespaço. Com um percorrido pelo conceito de lugar vindo do campo da Geografia, adentra-se lugar de fala em Djamila Ribeiro e une-se lugar à fala em psicanálise através dos aportes de Lélia Gonzalez, Ambra e Lacan. O esquema L e o esquema quadrípode do discurso analítico, somados a peças de arte, auxiliam na construção da reflexão através da qual gira esta pesquisa. A travessia metodológica se dá em quatro passos: derivar, escutar, escrever e mapear. A partir deste percorrido trabalha-se os vestígios coletados, ou seja, restos que insistem e se repetem na escuta e escrita da pesquisadora acerca dos atendimentos realizados por ela e/ou pelo coletivo de praçanalistas, das reuniões e intervisões, além de atos falhos produzidos ao longo da feitura do texto. Assim sendo, pode-se afirmar que, por conta das múltiplas e diversas escutas nas práticas do coletivo Psicanálise na Praça, a transferência se constitui, além do encontro uma a uma em sessão, também entre uma paciente e um coletivo de praçanalistas. Por fim, elabora-se a conceituação de lugar de fala e lugar de escuta em psicanálise como posições dialéticas, relacionadas e intercambiantes no processo de análise.

**Palavras-chave:** Lugar de fala, lugar de escuta, psicanálise na praça, atendimento online, transferência.

## **ABSTRACT**

Inspired by artistic and political manifestations that have the city and the street as their stage, this research starts from questions about psychoanalysis performed in public spaces. Through the practices of the collective Psicanálise na Praça (Psychoanalysis in the Square) from Porto Alegre, the goal is to think about on how the place of speech and place of listening are related, in addition to unfolding a discussion on transference. It starts from an archeology of the researcher and the territory par excellence of Psicanálise na Praça, the Praça da Alfândega. The COVID-19 pandemic goes through the entire planet and also the course of that research, that changes from the street to the cyberspace. With a journey through the concept of place coming from the field of Geography, one enters a place of speech in Djamila Ribeiro and joins a place to speech in psychoanalysis through the contributions of Lélia Gonzalez, Ambra and Lacan. The L scheme and the quadripod scheme of the analytical discourse, added to pieces of art, aid in the construction of the reflection through which this research revolves. The methodological crossing takes place in four steps: derive, listen, write and map. From this journey, the collected traces are worked, remains that insist and are repeated in the researcher's listening and writing about the consultations performed by her and/or by the collective of squareanalysts, the meetings and intervisions, in addition to parapraxes produced throughout the writing of the text. Therefore, it can be said that, due to the multiple and diverse listening in the practices of the Psicanálise na Praça collective, the transference is constituted, in addition to the one-on-one meeting in session, also between a squaretient and a collective of squareanalysts. Finally, the conceptualization of place of speech and place of listening in psychoanalysis is elaborated as dialectical, related and interchangeable positions in the analysis process.

**Keywords:** Place of speech, place of listening, psychoanalysis in the square, online service, transference.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO – Arqueologia do desejo pela rua.....	8
Travessia metodológica.....	12
CAPÍTULO 1 – Se essa rua fosse nossa: escavações.....	17
Tinha uma pandemia no meio do caminho .....	22
CAPÍTULO 2 – O lugar, a fala e a escuta.....	25
CAPÍTULO 3 – Vestígios.....	34
CAPÍTULO 4 – Discussão dos vestígios .....	39
Via de busca, via de análise: o que se via e não mais se vê e o que é possível enxergar agora.....	39
Quem se encontra? Quem conta, fala, escuta? .....	45
Carta roubada e esquema L .....	51
Laudo, la(u)do, aula, lauda: desdobrando cartas remetidas em análise.....	55
Suposição de saber e saberes necessários à escuta .....	57
Carta postada, recebida, retornada, roubada, violada, invertida: quais os destinos possíveis? .....	60
CAPÍTULO 5 – Do la(u)do de quem está o lugar de fala e o lugar de escuta em um percurso de análise? .....	66
REFERÊNCIAS .....	72

## **INTRODUÇÃO – Arqueologia do desejo pela rua**

Na contraface dos usos predeterminados e reificados da cidade surgiu a busca por ocupar espaços públicos como manifestação política e artística, como ato de resistência, como modo de conectar as pessoas e a rua, como reivindicação e exercício do direito à cidade e de possibilitar formas não-automáticas de (con)viver.

Tendo como lastro as revoltas de massa dos séculos XVIII e XIX e as experiências situacionistas do século XX, as primeiras décadas do século XXI são marcadas por dois modos característicos de mobilização coletiva nos espaços públicos: as passeatas e as ocupações. Na primeira forma, percorre-se as ruas com cartazes e faixas expressando apoio ou insatisfação, revolta ou endosso, a figuras, governos ou pautas – às vezes, tudo simultaneamente. Na segunda, marca-se com o próprio corpo certa delimitação territorial, de forma momentânea ou duradoura, tensionando as apropriações naturalizadas e as relações de domínio estabelecidas.

Consideramos importante, portanto, contextualizar de onde partimos: da rua. Rua, conforme Zyggouris (2013, p. 4), “é a metáfora onde se mistura o político e o sexual, onde as pulsões são solicitadas e se lançam numa desordem amorosa, de uma espécie não repertoriada pelo discurso familiar e psicanalítico”. Rua é passagem e encontro.

A pesquisa intitulada “Psicanálise na Praça: lugar de fala e lugar de escuta” nasce a partir do meu interesse em manifestações e ocupações nas ruas e nos espaços públicos, sejam elas políticas ou artísticas.

Numa arqueologia de mim, localizo agora os momentos em que a escuta e a rua se encontram na minha trajetória. A primeira vivência neste sentido vem a partir das Jornadas de Junho de 2013, que consistiram em protestos por todo o Brasil, cujo estopim foi o aumento da passagem no transporte público, e passou a ter maior adesão popular a partir da truculenta repressão da polícia contra os manifestantes. Não haviam lideranças explícitas e as pautas se mostraram difusas, expressas em gritos e cartazes que bradavam: não à corrupção, sem violência, sem partido, não me representa, não é pelos 20

centavos, saímos do *Facebook*, povo mudo não muda, o gigante acordou (DAVID, 2015). Participo ativamente das manifestações em Porto Alegre, tanto com meu corpo na rua quanto trocando e escrevendo sobre as mesmas no percurso da formação em psicanálise da infância e adolescência no Centro de Estudos, Atendimento e Pesquisa em Infância e Adolescência (CEAPIA), em Porto Alegre, onde faço um paralelo entre as manifestações de rua e as manifestações da adolescência.

A segunda vivência na qual a escuta e a rua se encontram na minha trajetória se dá a partir da participação em oficinas no Atelier Livre Xico Stockinger<sup>1</sup>. Nestas oficinas conheci Clarissa Daneluz e Nana Corte, comunicadora e artista visual, e deste encontro em 2014 surge o projeto de arte relacional “Você gostaria de mudar de nome?”. Neste, desde 2015 me coloco em espaços públicos (em geral em praças) e, junto às demais participantes do projeto, convido pessoas a falarem sobre seu nome e sobre o que pode surgir a partir disto. Nicolas Bourriaud (2009) define a estética relacional como aquela que privilegia a esfera das relações humanas e seu contexto social como o lugar da obra de arte. Tenho como referência em arte relacional a artista brasileira Ana Teixeira que refere:

Não me interessa que o transeunte, tanto o que apenas olhou quanto o que parou para conversar, saia dali com a noção de que aconteceu “arte”, mas sim de que viveu algo, de que foi atravessado por uma experiência. (GIORDANO, 2016).

Portanto, na arte relacional, a obra é o que acontece na troca entre a artista e a pessoa que se dispõe a interagir. No projeto “Você gostaria de mudar de nome?”, ocupamos a rua, em geral a Redenção (Parque Farroupilha, Porto Alegre - RS), munidas de um cartaz com os dizeres do projeto, cadeiras de praia ou bancos da praça, e aguardamos a interação. As pessoas vêm curiosas perguntar o que fazemos, ou então vêm até nós vendendo ou pedindo algo, e então propomos a escuta de seu nome e de tudo o mais que ocorra a partir deste disparador.

---

<sup>1</sup>O Atelier Livre é um equipamento da Prefeitura de Porto Alegre, integrado à coordenação de Artes Plásticas da Secretaria Municipal de Cultura, espaço para produzir e pensar artes visuais.

Manifestações políticas, arte relacional, corpo na rua e escuta das pessoas. Estas vivências fazem com que eu passe a me perguntar sobre escuta psicanalítica na rua, pesquisar este tema e descobrir vários coletivos no Brasil fazendo este trabalho, inclusive em Porto Alegre. Haveriam psicanalistas que faziam do espaço público lugar de escuta e atendimento? Essa pergunta norteou meu ingresso no Programa em Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura da UFRGS.

Com o início do mestrado, através de uma ponte entre meu orientador Roberto Henrique Amorim de Medeiros e o coletivo, passo a integrar o Psicanálise na Praça em outubro de 2019, com o objetivo de, a partir da participação nas reuniões semanais e dos atendimentos aos sábados, realizar minha pesquisa. No entanto, o interesse e contato com o coletivo é prévio ao ingresso no mestrado, já que acompanhei o surgimento do mesmo nas redes sociais no período em que me interessava e pesquisava iniciativas similares. À época, cerca de um ano antes, fiz contato com uma integrante em um evento de rua (Noite dos Museus) na Praça na Alfândega de modo a poder me aproximar, com a ideia de integrar-me aos trabalhos, pois habitava em mim o desejo de participar desta experiência de escuta analítica na rua.

É importante salientar que esta pesquisa faz parte do projeto guarda-chuva do orientador, intitulado “A contribuição do método investigativo psicanalítico para a construção de territórios baseados em narrativas”, partilhando de seu procedimento metodológico que se dá a partir dos seguintes passos: derivar, escutar, escrever e mapear, procedimento que será detalhado no capítulo referente ao método.

O coletivo Psicanálise na Praça nasce em 2018, em reação ao assassinato de Marielle Franco, episódio que ceifou junto a vida de Anderson Gomes, motorista que dirigia o carro em que estava a vereadora carioca. Marielle Franco foi uma mulher negra, lésbica, ativista, lutadora pelos direitos humanos e denunciante da violência que ficava escondida em uma parte da cidade, dando voz ao que era silenciado. O assassinato foi sentido como um ataque à palavra, o silenciar de alguém que denunciava, um ataque aos corpos indóceis, aos irresignados, aos que se insurgem e ocupam lugares até pouco tempo restritos a uma elite intocável. Diante deste cenário e com o acréscimo dos temores despertados pelo período eleitoral de 2018 que colocam em risco

a democracia recente e vacilante no país, que por sua vez tornam urgente espaços nos quais a palavra possa circular e se fazer escutar, um grupo de psicanalistas começou a se mobilizar frente à sensação de revolta e desamparo. As psicanalistas Cândice Dame e Fernanda Vial entram em contato com o coletivo Psicanálise na Praça Roosevelt de São Paulo através da página do mesmo no *Facebook* com o intuito de viabilizar uma iniciativa similar em Porto Alegre. O coletivo se mostra disponível para pensar junto e faz um convite para que elas conheçam pessoalmente o trabalho realizado em São Paulo. Fernanda Vial vai até lá, é convidada a atender na Praça Roosevelt e vivenciar a escuta psicanalítica na rua. Um mês após esta vivência, em 16 de julho de 2018 o Psicanálise na Praça passa a ocupar a Praça da Alfândega em Porto Alegre aos sábados pela manhã oferecendo escuta analítica gratuita e por ordem de chegada.

As atividades do coletivo são realizadas em um local que está circunscrito dentro de um determinado território: a Praça da Alfândega, localizada no Centro da cidade de Porto Alegre, cercada pelas ruas Siqueira Campos, dos Andradas, Caldas Júnior e Sete de Setembro. Aos sábados pela manhã, as psicanalistas dispõem as cadeiras de praia em semicírculo entre o Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS), o Memorial do Rio Grande do Sul e a área central da praça. Mas essa disposição física é móvel: durante a Feira do Livro, evento que acontece na Praça da Alfândega no mês de novembro, os atendimentos migram para a Praça da Matriz, e em dias de chuva ocorrem no vão do Palácio da Justiça, locais que ficam a algumas quadras de distância dali. O coletivo faz um convite para que a palavra ocupe e circule nestes espaços, no contato entre práticos e psicanalistas: forma como serão referidas ao longo desta pesquisa as pessoas atendidas pelo coletivo (práticos) e as integrantes do coletivo (psicanalistas).

O coletivo, no presente momento, é composto por doze psicanalistas com diferentes percursos de formação: Ágata Barbi, Aline Gazzola, Augusto Paim, Bianca Piazza, Carmela Brunelli, Clara Schönardie, Daniela Izolan, Fernanda Vial Costa, Fernanda Zin, Isadora Severo Garcia, Lorete Mattos e Luciane Rombaldi David. A iniciativa resguarda um caráter independente, prezando pela autogestão e pela horizontalidade, visando oferecer um espaço de escuta analítica às pessoas que não chegam aos consultórios, seja por não

terem condições de pagar por consultas particulares, seja por não circularem nos bairros nobres onde as práticas privadas se concentram, seja por entenderem-se em alguma medida alijadas da possibilidade de atendimento em saúde mental. Há quem chegue explicitamente solicitando atendimento e assim inicie o que poderá vir a ser um percurso de análise; há escutas que acontecem entre pedidos por informação, entre oferecimentos de mercadorias ou serviços por parte de vendedoras ambulantes. As aproximações são singulares e as escutas acontecem na regularidade e possibilidade de cada sujeita. Desde essa proposta, o coletivo recebeu em atendimento comerciantes locais, curiosas, trabalhadoras precarizadas, desempregadas, ex-moradoras de rua, andarilhas, gente desterritorializada em relação ao capital, ao corpo, à sexualidade e às grandes normas sociais, pessoas em situação de vulnerabilidade social e em sofrimento psíquico nos mais variados graus.

A partir das minhas experiências de ocupação de espaços públicos em manifestações políticas e de escuta na rua através da arte relacional, me somo ao coletivo para assim poder pesquisar e responder à pergunta: como se relacionam lugar de fala e lugar de escuta no contexto das práticas do coletivo Psicanálise na Praça?

### **Travessia metodológica**

Combinaremos a teoria da deriva (DEBORD, 2003) e a psicanálise como companheiras nesta deambulação. O procedimento metodológico de nosso grupo de pesquisa se dá a partir dos seguintes passos: derivar, escutar, escrever e mapear. Como já citado anteriormente, o presente projeto de pesquisa faz parte de um projeto maior intitulado “A contribuição do método investigativo psicanalítico para a construção de territórios baseados em narrativas”.

A teoria da deriva tem início através da Internacional Situacionista (IS) na década de 1950, na França (mas logo se expande para diversos países), formada por um grupo de artistas, pensadoras e ativistas. A IS “lutava contra a espetacularização (...) a não participação, a alienação e a passividade da sociedade” (JACQUES, 2003, p. 13) e tinha como diretrizes a deriva e a psicogeografia. Esta última diz respeito a um “estudo dos efeitos exatos do meio geográfico, conscientemente planejado ou não, que agem diretamente

sobre o comportamento afetivo dos indivíduos” (IS, 2003, p. 65). Já a deriva é considerada o exercício prático da psicogeografia através da apropriação do espaço urbano por aquela que por ele anda.

A deriva pode ser realizada por uma ou mais pessoas e Debord (2003) sugere que é mais proveitosa se realizada em grupos de duas ou três pessoas. Pode inclusive ser estática, se dar em um território específico, que seria o caso desta pesquisa pois acontece dentro dos territórios que compreendem o Psicanálise na Praça em sua realidade material e ampliada. Pensa-se na deriva como uma forma de percorrer o território com os pés, com o olhar, com a escuta e com a presença.

Por meio da deriva a ideia é percorrer e colocar-me nos territórios do Psicanálise na Praça e nas reuniões do coletivo a escutar a partir da psicanálise, da atenção flutuante. Debord (2002) teoriza sobre a cidade/sociedade “espetacular-mercantil”, constituída como uma imagem e espetáculo do capitalismo no qual as cidadãs se tornam meras espectadoras, sem agência sobre o território. A proposta da deriva vai contra isto ao experienciar o espaço público da rua de modo a romper com a lógica de dominação sócio espacial.

O próximo passo metodológico é a escuta, que se dá a partir da psicanálise. Escutar o território, as praticantes, as colegas praçanalistas do coletivo, a transferência. Cabe salientar que derivar e escutar acontecem conjuntamente no percurso e na presença da pesquisadora enquanto praçanalista no território, na escuta das praticantes, na transferência, nas trocas com o coletivo, com o grupo de pesquisa e com o orientador.

O passo seguinte será, associando livremente, realizar o registro das derivas e escutas em um diário de experiência (IRIBARRY, 2003). No início da pesquisa, no espaço de orientação pensamos em um diário de borda a partir da ideia do diário de bordo, instrumento utilizado para registrar acontecimentos importantes durante um percurso de navegação. O diário de borda surge na troca de uma letra, de bordo para borda, aquilo que fica à margem, no contorno, faz fronteira. Borda, pois no momento inicial da pesquisa estava me sentindo em um lugar entre, entre o coletivo e a universidade, nem dentro nem fora, e registraria a partir deste lugar. Com a aproximação junto ao coletivo e a aposta no início de uma transferência com o mesmo e deste comigo, desde a

borda imiscuo-me, sentindo-me parte do coletivo, transformando os registros em um diário de dentro. Passo a nomear, portanto, o local dos registros como diário de borda de dentro, lugar entre que permanece na circulação entre o coletivo e a universidade, estando integrada a estes dois espaços, trocando sobre a pesquisa em ambos e promovendo encontros de trocas entre o grupo de pesquisa e as colegas do coletivo.

Conforme Iribarry (2003), o diário de experiência se dá na pesquisa com observação participante e, citando Gutierrez & Delgado (1995), refere que esta é um mergulho radical no campo do objeto de pesquisa, no qual a observadora aparece como uma estrangeira, registrando observações sobre o ambiente e sobre si mesma através de associações livres e significantes. Tendo os registros do diário de borda de dentro, das trocas com o coletivo, com o orientador e o grupo de pesquisa, constrói-se a escrita de um ensaio metapsicológico.

Na escrita, seguirei deixando-me atravessar pelo encontro com o inesperado, pelos atos falhos, que serão mantidos no corpo do texto, tachados, em itálico, acompanhados de um bloco de notas à margem direita da página onde descreverei o que pretendia escrever e a palavra que surgiu, pontuando alguma possível livre associação a ser trabalhada adiante, no capítulo que versará sobre a discussão dos vestígios coletados. Os atos falhos são uma produção cara à psicanálise, fenômeno sobre o qual Freud (1901/1996) realiza uma descrição pormenorizada em *“Psicopatologia da vida cotidiana”*. Ele situa, em *“Conferências introdutórias à psicanálise”* (1996 [1916-1917]) a parapraxia como o fenômeno no qual: uma pessoa tem a intenção dizer uma palavra, mas diz outra (lapso verbal), acontecendo tanto na comunicação falada quanto na escrita (lapso de escrita), podendo a pessoa perceber ou não a troca de palavras; ocorre na leitura impressa ou manuscrita (lapso de escrita); ocorre ao escutar uma palavra quando outra foi dita (lapso de audição); há, ainda, o esquecimento de palavras e de objetos (lapso de memória, extravio e perda de objetos). Para Lacan (2010 [1954-1955], p. 173) o que interessa a Freud “é a mensagem como discurso interrompido e que insiste”, é o tropeço na fala que está presente neste fenômeno. Estas palavras que se precipitam na escrita desta pesquisa, portanto, não são encaradas como mero tropeço dos dedos na deriva pelo teclado do computador, mas sim como restos a serem desdobrados

na medida em que desencadeiam na pesquisadora, ao dar-se conta destas produções que comunicam de forma inesperada, o ímpeto defensivo de apagá-las ou corrigi-las, porém freia-se o ímpeto e preserva-se os atos falhos. Levar-se-á em consideração as associações postas em marcha quando do aparecimento destas produções, alinhavadas com o que havia sido escrito antes e com o que seria escrito em seguida, observando o encadeamento significativo. Assim sendo, a sujeita do inconsciente da pesquisadora também é matéria-prima desta dissertação e as produções que comunicam nos tropeços da escrita serão tomadas como vestígios a serem desdobrados.

Utilizarei, no capítulo que apresentará a coleta de dados a partir do diário de borda de dentro, vestígios de casos atendidos pelo coletivo de praçanalistas, atendidos por mim e/ou discutidos nas reuniões do coletivo para descobrir o que se desenha em comum entre eles quanto aos aspectos que concernem a esta pesquisa. Cabe salientar que será preservado o sigilo e identidade das pacientes escutadas, nada será gravado em vídeo ou em voz, apenas há o registro dos vestígios no diário de borda de dentro. Trabalharemos a partir dos restos, daquilo que insiste, dos significantes, para pensar sobre como se dá o lugar de fala e o lugar de escuta no contexto das práticas do coletivo Psicanálise na Praça.

O mapear, último passo metodológico, se dará no percorrido pelo diário de borda de dentro, pelos vestígios e atos falhos, pela construção teórica que dá sustentação à pesquisa. Através deste trilhar, será produzido um mapa conceitual com trajetos possíveis que auxiliará no alinhavo das questões suscitadas pela pesquisa e na costura da mesma em um ensaio metapsicológico de modo a responder à questão que move a pesquisa.

Como já foi possível observar desde a introdução desta dissertação, optei por escrever no gênero feminino o que se refere às pacientes, às praçanalistas e às pessoas em geral. Esta decisão partiu das reflexões suscitadas pelo incômodo que desperta o universal masculino que está posto em nossa linguagem, uma forma de fazer algum furo nisto; há também o fato da pesquisadora se identificar como mulher, o coletivo ser composto em sua maioria por praçanalistas mulheres e termos um grande número de pacientes que também se identificam como mulheres. Além disto, acreditamos ser importante situar a leitora de que será respeitado o gênero com o qual se

identifica cada paciente quando da escrita dos vestígios e todas as informações que se referem à descrição das pacientes será reduzida ao máximo possível de modo a preservar o sigilo, explicitando as características ligadas estritamente ao contexto transferencial de cada caso. Quanto ao que tange a teoria psicanalítica, os termos e conceitos serão mantidos em sua maioria na forma como foram desenvolvidos originalmente por Freud e Lacan, no masculino, pela dificuldade e confusão que representa a mudança destes termos para o gênero feminino. As autoras mulheres que forem sendo citadas terão seu nome completo escrito ao longo de toda a dissertação de modo a dar mais visibilidade à produção das mesmas.

Na sequência da escrita desta pesquisa faremos uma incursão pela arqueologia da psicanálise nos espaços públicos e do território por excelência do Psicanálise na Praça, a Praça da Alfândega. Abordaremos o conceito de território, comum ao campo da Geografia, para adiante adentrar as reflexões sobre lugar. Desenvolveremos a partir do conceito de lugar de fala em Djamila Ribeiro, adentraremos a psicanálise com Lélia Gonzalez, Ambra e os quatro discursos de Lacan. Apresentaremos os vestígios coletados para em seguida realizar uma discussão dos mesmos no percurso por três rotas, costuradas pelos desdobramentos que Lacan realiza em seu *“O seminário da Carta Roubada”* com o esquema L, somaremos reflexões a partir de extratos artísticos da arte visual coletados no diário de borda de dentro e, por fim, responderemos à pergunta da pesquisa.

## Considerações finais (disponibilização parcial)

Para responder à pergunta que move esta dissertação, façamos primeiramente um breve e último recorrido pela pesquisa até aqui. Esta pesquisa se inicia tomando em conta a ideia de lugares estanques, lugar de fala do lado da paciente e lugar de escuta do lado da psicanalista. Ao adentrar o campo da geografia, faz-se contato com a noção de lugar em relação, como encontro, como interações sociais, sem fronteiras rígidas. Multilugares e multiterritórios em Haesbaert (2005) e sentido global de lugar em Doreen Massey (2000) auxiliam no entendimento de uma ideia de lugar construído pela ligação com outros lugares.

Em seguida, pensamos lugar em Djamila Ribeiro (2017), que nos dá ferramentas para unir lugar à fala a partir de seus desdobramentos sobre lugar de fala, uma fala que diz de muitas outras vozes e diz de localização social, alinhado com Patricia Hill Collins (2016) com seu conceito de *outsider within*, forasteira de dentro, lugar que é de dentro e de fora ao mesmo tempo.

Adentramos, então, a psicanálise através de Lélia Gonzalez (1984) pensando o lixo, a existência de um resto que fala e diz de todas nós, ao qual a psicanálise identificada com o resto vai escutar, como refere Dunker (2019). Seguimos com Ambra (2019) que traz a ideia de que o lixo que causa nos aportes de Lélia Gonzalez (1984) é o objeto *a*. A partir destes desenvolvimentos, percorremos as formas discursivas formuladas por Lacan em seus quatro discursos, tendo como interesse especial desta pesquisa o discurso da psicanálise.

Surge a hipótese do objeto *a* como algo que circula entre analista e analisante para que a análise aconteça, lugares que transitam, multiterritórios, multilugares, lugar de fala e lugar de escuta cambiantes entre si. Circularidade e relação de lugares que nos remete ao esquema L quando Marta D'Agord (2009, p. 97) refere que “o esquema L representa a espacialidade, mas não no sentido intuitivo do termo ‘esquema’, não no sentido de localizações, mas no sentido de relações de lugares”. Em conformidade a isto, compreendemos os lugares de fala e de escuta em relação, um pressupondo o outro.

Para podermos pensar lugar de fala em psicanálise, partimos da aceção de lugar de fala elaborado por Djamila Ribeiro (2017).

*Elementos suprimidos para a versão parcial da dissertação.*

O que buscamos, ao longo do desenvolvimento da dissertação, foi retomar o conceito de lugar de fala no sentido de trazer para dentro do campo da psicanálise elementos que dizem respeito à interseccionalidade, como raça, classe e gênero, cuja presença ainda é tímida, uma margem que precisa ser atravessada e alcançar profundidade.

*Elementos suprimidos para a versão parcial da dissertação.*

Mudam-se os lugares, troca-se ideias em orientação, em grupo de pesquisa, em intervisão, entre atendimentos, dentro de casa. Da casa de cada uma observamos a escuta acontecer, cambiante, por vezes cambaleante, porém constante. Na deriva dos dedos pelo teclado do computador, em mais de uma parapraxia troca-se o lugar no par analítico, *praçanalista* aparece onde deveria estar *praciente*. Ato falho que denuncia troca e circulação de lugares, nos dando pistas do caminho a seguir para chegar à compreensão e proposta de lugar de fala e lugar de escuta em psicanálise. Na sequência, de *solto* surge o *solo*, a arte retorna, remete à carta que transita ao longo da dissertação através do conto de Poe, alinhavada com intervenções artísticas que propiciam refletir sobre a ética necessária àquela que ocupa o lugar provisório de Outro, portando as mensagens que se destinam ao retorno à remetente.

O que se via e não mais se vê e o que é possível enxergar agora: há sempre algo que fala em nós, que pulsa e se faz ouvir; para escutar é preciso estar atenta às entrelinhas, aos tropeços, ao resto, ao vinco da dobra desdobrada que facilmente poderia ser descartada em lixo. Nestes tempos ainda pandêmicos e incertos, seria luxo apostar no poder de uma escuta atenta, implicada e cuidadosa?

Os restos dizem de todas nós e não é preciso escavar como o fizeram na Praça da Alfândega para que venham à luz e sombra do dia e comuniquem que há algo que se repete e insiste. É preciso e possível amplificar a escuta e mergulhar em rios de água profundas e ainda um tanto turvas à psicanálise, que teme por ter suas bases levadas embora pela correnteza. Permeabilizar a psicanálise e a psicanalista assim como os restos na beira do rio Guaíba.

## REFERÊNCIAS

- AMBRA, Pedro. O lugar e a fala: a psicanálise contra o racismo em Lélia Gonzalez. **Sig Revista de Psicanálise**, Porto Alegre, p. 85-101, 2019.
- BUENO, Silveira. **Silveira Bueno**: minidicionário da língua portuguesa. São Paulo: FTD, 2000.
- BOURRIAUD, Nicolas. **Estética relacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- BROIDE, Jorge. Prefácio. In: DANTO, Elizabeth Ann. **As clínicas públicas de Freud**: psicanálise e justiça social. São Paulo: Editora Perspectiva, 2019, p. 13-18.
- CAMPOS, Rosana Onocko. **Psicanálise e saúde coletiva**: interfaces. São Paulo: Hucitec, 2014.
- CARVALHO, Wander Guilherme Rocha; CANTO, Tânia Seneme. Realidade aumentada móvel e a cartografia: aumentando, revelando e criando novas geografias. In: **TECCOGS – Revista Digital de Tecnologias Cognitivas**, n. 19, jan./jun. 2019, p. 88-104.
- COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a *outsider within*: a significação sociológica do pensamento feminista negro. In: **Revista Sociedade e Estado**, vol 31, n. 1, jan/abril 2016, p. 99-127.
- D'AGORD, Marta Regina de Leão. As estruturas do discurso: o uso do esquema L em psicopatologia. **Latin American Journal of Fundamental Psychopathology Online**, vol. 6, n. 1, p. 87-100, maio de 2009.
- \_\_\_\_\_. Do grafo do desejo aos quatro discursos de Lacan. **Psicologia USP**, São Paulo p. 431-451, 24(3) 2013.
- DAMICO, José. Gênero e raça: marcas persistentes de um fazer-saber denegado. **Relações de gênero e escutas clínicas**. Salvador: Editora Devires, 2021.
- DANTO, Elizabeth Ann. **As clínicas públicas de Freud**: psicanálise e justiça social. São Paulo: Editora Perspectiva, 2019.
- DAVID, Luciane Rombaldi. O gigante acordou: reflexões sobre movimentos sociais e adolescência. **Publicação CEAPIA**: revista de psicoterapia da infância e adolescência. Porto Alegre, n. 24, ano 24, p. 37-46, 2015.
- DEBORD, Guy. O declínio e a queda da economia espetacular mercantil. In: **Situacionistas**: teoria e prática da revolução. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, p. 117-129, 2002.

\_\_\_\_\_. Teoria da deriva. In: JACQUES, P. B. (Org.). **Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade/Internacional Situacionista**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, p. 87-91, 2003.

DUNKER, Christian. **Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros**. São Paulo: Boitempo, 2015.

\_\_\_\_\_. A psicanálise nos espaços públicos. In: BROIDE, Jorge e Katz, Ilana (Orgs.) **Psicanálise nos espaços públicos**. São Paulo: IP/USP, p. 10-21, 2019.

FINK, Bruce. “Análise por telefone” (variações na situação psicanalítica). **Fundamentos da técnica psicanalítica: uma abordagem lacaniana para praticantes**. São Paulo: Blucher, 2007/2017

FRANCO, Sérgio da Costa. **Guia Histórico de Porto Alegre**. Porto Alegre: Editora da Universidade (UFRGS)/Prefeitura Municipal, p. 21-24, 1988.

FREUD, Sigmund. A dinâmica da transferência. In: **Sigmund Freud Obras Completas**. São Paulo: Companhia das Letras, v. X, p. 133-146, 1912/2010.

\_\_\_\_\_. Recordar, repetir e elaborar. In: **Sigmund Freud Obras Completas**. São Paulo: Companhia das Letras, v. X, p. 193-209, 1914/2010.

\_\_\_\_\_. Conferências introdutórias sobre psicanálise (parte III). In: **Sigmund Freud Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago Editora, v. XVI, p. 251-464, 1916-1917/1996.

\_\_\_\_\_. Caminhos da terapia psicanalítica. In: **Sigmund Freud Obras Completas**. São Paulo: Companhia das Letras, v. XIV, p. 279-292, 1919/2010.

\_\_\_\_\_. Prefácio à juventude desorientada de Aichhorn. In: **Sigmund Freud Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, v. XIV, p. 341-346, 1925/1976.

\_\_\_\_\_. O Mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos. In: **Sigmund Freud Obras Completas**. São Paulo: Companhia das Letras, v. XVIII, p. 13-122, 1930/2010.

GIORDANO, Davi. Entrevista com Ana Teixeira. **eRevista Performatus: Inhumas**, ano 4, n. 15, jan. 2016.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**. Anpocs, p. 223-244, 1984.

GUTIERREZ, Juan, DELGADO, José. **Técnicas cualitativas de investigación en ciencias sociales**. Madrid: Síntesis, 1995.

HAESBAERT, Rogério. Da desterritorialização à multiterritorialidade. In: **Anais do X encontro de geógrafos da América Latina**, 20 a 26 de março de 2005, São Paulo. Universidade de São Paulo, 2005.

HORENSTEIN, Mariano. Tornar-se estrangeiro. **Jornal de Psicanálise**. v. 46, n. 84. São Paulo: Sbpsp, p. 69-82, 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **IBGE**, c2022. Pesquisa nacional por amostra de domicílios contínua – tecnologia e comunicação. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101794\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101794_informativo.pdf). Acesso em: 05 de outubro de 2021.

IPHAN/Programa Monumenta. **Praça da Alfândega: Série Preservação e Desenvolvimento Monumenta**. Porto Alegre/RS, 2007.

IRIBARRY, Isac. O que é pesquisa psicanalítica?. **Ágora**. Vol. VI, nº 1, p. 114-138, jan/jun 2003.

IS. Definições. In: JACQUES, P. B. (Org.). **Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade/Internacional Situacionista**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, p. 65-66, 2003.

JACQUES, Paola. Apresentação. In: JACQUES, P. B. (Org.). **Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade/Internacional Situacionista**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, p. 13-38, 2003.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Editora Cultrix, 1969.

LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 238-324, 1953/1998.

\_\_\_\_\_. **O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud**. Rio de Janeiro: Zahar, 1953-1954/1986.

\_\_\_\_\_. **O Seminário, livro 2: O Eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1954-55/2010.

\_\_\_\_\_. O seminário sobre “A carta roubada”. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 13-68, 1956/1998.

\_\_\_\_\_. A direção do tratamento e os princípios do seu poder. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 591-654, 1958/1998.

\_\_\_\_\_. **O seminário, livro 8: A transferência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1960-1961/1992.

\_\_\_\_\_. **O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1964/2008.

\_\_\_\_\_. **O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1969-1970/1992.

LAURENT, Éric. O analista cidadão. **Curinga**. Vol. 13. Belo Horizonte, 1999.

\_\_\_\_\_. Cidades analíticas. **A sociedade do sintoma: A psicanálise hoje**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2007.

MARINO, Adriana. Psicanálise na Praça Roosevelt: modalidades de transferência. **Stylus Revista de Psicanálise**. Rio de Janeiro, n. 38, p. 213-225, julho de 2019.

MASSEY, Doreen. Um sentido global do lugar. In: ARANTES, A. (Org) **O espaço da diferença**. Campinas: Papyrus, 2000.

MATTUELLA, Luciano. **O corpo do analista**. Porto Alegre: Artes & Ecos, 2020.

MEDEIROS, Roberto Henrique Amorim de. **Residência integrada em cenas: ensaios críticos acerca da formação do profissional em saúde**. Porto Alegre: Rede UNIDA, 2016.

MEIRELES, Cildo. **Cildo Meireles**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1981.

MESQUITA, Zilá. Do território à consciência territorial. In: MESQUITA, Z.; BRANDÃO, C. R. (Orgs) **Territórios do cotidiano**. Santa Cruz: Ed. UNISC, 1995.

SOUZA, Marcelo L. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C. & CORRÊA, L. R. (Orgs) **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000/1995.

POE, Edgar Allan. **Histórias Extraordinárias**. Companhia das Letras: São Paulo 1844/2017.

QUEIROZ, Luís Américo Valadão. Freud enovelado. **Anais da Jornada “A escrita de casos clínicos”**. Campinas: Tykhe Associação de Psicanálise, p. 14-25, 2016.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Editora Ática, 1980/1993.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

ROSA, Miriam D. **A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento**. São Paulo: Escuta/Fapesp, 2018.

VALADARES, Alberto G., TEODORO, Pacelli H. M. Territórios ampliados: entre o ciber e o espaço. **Pós Revista Programa Pós-Graduação Arquitetura e Urbanismo**. São Paulo: FAUUSP, vol. 25, n. 49, p. 1-16, 2019.

ZYGOURIS, Radmila. A escola da rua. In: DUVIDOVICH, E. (Org) **Diálogos sobre formação e transmissão em psicanálise**. São Paulo: Zagadoni Editora. 2013.